

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

RENATO NASCIMENTO JANDOSO JUNIOR

**CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM REVISTAS DA EDUCAÇÃO
FÍSICA (2000-2018)**

VITÓRIA 2019

RENATO NASCIMENTO JANDOSO JUNIOR

**CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM REVISTAS DA EDUCAÇÃO
FÍSICA (2000-2018)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Educação Física.
Orientador: Prof^a Dr^a Ana Claudia Silverio Nascimento.

VITÓRIA 2019

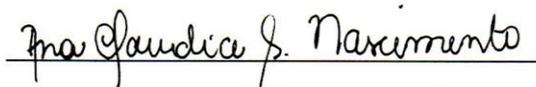
RENATO NASCIMENTO JANDOSO JUNIOR

**CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM REVISTAS DA EDUCAÇÃO
FÍSICA (2000-2018)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Aprovado em: 27 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Ana Claudia Silverio Nascimento (orientadora)


Profº. Dr.º André da Silva Mello (Membro da Banca)


Profº Ms. Fábio Luiz Loureiro (Membro da Banca)

Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Educação Física e Desportos.
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário - Goiabeiras
Vitória/ES
Cep. 29075-910

RESUMO

O estudo realizou levantamento e a caracterização da produção científica sobre a capoeira no ambiente escolar, veiculada entre 2000 e 2018, em sete revistas científicas da Educação Física - Licere, Motrivivência, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (USP), Revista da Educação Física (UEM), Movimento e Pensar a Prática - visando a identificar o número de artigos publicados sobre o tema, a distribuição temporal da produção, a distribuição por instituição (natureza e localização), a distribuição por tipo de autoria, a distribuição por tipologia do texto e a caracterização dos autores segundo o gênero e titulação. Quanto aos objetivos, caracteriza-se como pesquisa exploratória e quanto aos procedimentos, como pesquisa bibliográfica. A seleção do *corpus* da pesquisa foi realizada por meio da leitura de todos os sumários de todos os números publicados pelas revistas, no período analisado. Nos casos de dúvidas, foram lidos os resumos e excluídos os textos que não apresentavam referência clara à proposta do trabalho. Na caracterização da produção científica, verificamos que dos 5.733 artigos publicados pelas sete revistas no período estudado, onze abordam a capoeira na escola, correspondendo a 0,19% da produção. Na distribuição temporal, destaca-se o ano de 2011, com quatro publicações. A Motrivivência se destaca com a publicação de cinco trabalhos sobre a temática. A região sudeste se destaca por possuir o maior número de autores (sete) e a UNICAMP como a instituição com maior filiação (quatro). As universidades federais são as que detêm o maior número de publicações (sete). Na caracterização dos autores, verificamos que onze artigos foram escritos por vinte autores. Desses, quinze são homens e cinco mulheres. Do total de autores em que foi possível identificar a titulação (dezessete), onze são graduados que foram responsáveis por sete publicações (63,6%). Predominam a autoria coletiva (sete) e os artigos originais (três). Dos artigos encontrados, sete (63,6%) tratam da capoeira como conteúdo da Educação Física e quatro (36,3%) tem vinculação com o ambiente escolar mas não diretamente com a disciplina.

Palavras-Chave: Capoeira; Revistas científicas/Produção científica; Educação Física.

ABSTRACT

The study surveyed and characterized the scientific production of capoeira in the school environment, published between 2000 and 2018, in seven scientific journals of Physical Education - *Licere*, *Motrivivência*, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*, *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (USP)*, *Revista da Educação Física (UEM)*, *Movimento e Pensar a Prática* - in order to identify the number of articles published on the subject; the temporal distribution of the production; the distribution by institution (nature and location); the distribution by type of authorship; the distribution by typology of the text and the characterization of the authors according to sex and title. As for the objectives, it is characterized as exploratory research and as for the procedures, as bibliographic research. The selection of the research corpus was made by reading all the summaries of all issues published by the journals in the analyzed period. In cases of doubt, the abstracts were read and the texts that did not present a clear reference to the study proposal were excluded. In the characterization of the scientific production, we found that, of the 5.733 articles published by the seven journals in the period studied, only 11 addressed capoeira at school, corresponding to 0,19% of the production. In terms of temporal distribution, we highlight the years of 2011, with four publications. *Motrivivência* magazine stands out with the publication of five papers on the subject. The southeast region stands out for having the largest number of authors (7) and UNICAMP as the institution with the largest affiliation (4). Federal universities have the highest number of publications (7). In the characterization of the authors, we found that the 11 articles were written by 20 authors. Of these, 15 are men and 5 are women. Of the total number of authors in which it was possible to identify the degree (17), 11 were graduates who were responsible for seven publications (63.6%). Collective authorship (7) and original articles (3) predominate. Of the articles found, 7 (63.6%) are from capoeira as the content of Physical Education and 4 (36,3%) It is linked to the school environment but not directly to the school subject.

Keywords: Capoeira; Scientific journals / Scientific production; physical education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição temporal dos artigos

Gráfico 2 – Distribuição temporal dos artigos por revista

Gráfico 3 – Distribuição da produção pela filiação institucional dos autores

Gráfico 4 – Distribuição da produção pela natureza da instituição profissional dos autores

Gráfico 5 – Distribuição dos autores por região

Gráfico 6 – Distribuição dos artigos por titulação dos autores

Gráfico 7 – Distribuição dos autores por gênero

Gráfico 8 – Distribuição da produção por tipo de autoria

Gráfico 9 – Distribuição da produção por tipo de autoria nas revistas

Gráfico 10–Tipologia dos textos

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de fascículos e de artigos publicados nas revistas

Tabela 2 - Artigos publicados nas revistas

Tabela 3 - Autoria dos artigos

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

RBCE – Revista Brasileira de Ciências do Esporte

UEM – Revista da Educação Física

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

UNEB - Universidade Estadual da Bahia

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFG – Universidade Federal de Goiás

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 AMPLIANDO HORIZONTES SOBRE A CAPOEIRA	13
2.1 PERCUSO HISTÓRICO DA CAPOEIRA	13
2.2 A CAPOEIRA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL.....	16
2.3 A CAPOEIRA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	19
3 REVISTAS CIENTÍFICAS COMO CANAIS DE COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA.....	23
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	26
4.1 TEMAS ABORDADOS NOS ARTIGOS	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

As revistas científicas e a produção do conhecimento divulgada por meio de artigos são um dos principais meios para identificar o desenvolvimento científico de um país. Por isso, a realização de pesquisas científicas tem sido priorizada por nações que visam ao desenvolvimento de novas tecnologias e da sociedade. Alves (2013, p. 14) aponta que “[...] o desenvolvimento econômico, político e social de um país está intimamente relacionado ao crescimento da ciência e tecnologia”.

Quando falamos do cenário atual, do aumento da produção científica mundial, Vanz (2009) destaca o quão ela é importante ao afirmar que representa um processo essencial nos países onde a ciência é financiada prioritariamente por investimentos do meio público, onde possa garantir a sua participação na consecução dos objetivos econômicos, sociais e políticos. Em função disso, Domingos (1999) destaca que os estudos sobre produção científica são de suma importância, pois possibilitam um mapeamento das contribuições, necessidades e *déficits* nas diferentes áreas do conhecimento.

Nesse sentido, este estudo se interessa pela produção científica sobre a capoeira no ambiente escolar, pois, conforme afirmam Mello et al (2016), o reconhecimento da capoeira como manifestação da cultura popular e sua inclusão nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na área de Educação Física para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1998a), impactou a produção de conhecimento sobre essa temática na área. Contudo, apesar de identificarem um aumento significativo no número de pesquisa, constataram

[...] a ausência de estudos que busquem compreender o tema investigado de maneira sistematizada, em um quadro interpretativo mais amplo, que permita identificar os seus avanços e as suas lacunas (MELLO et al, 2016, p. 4).

Dessa maneira, buscamos analisar a produção científica sobre a temática “capoeira no ambiente escolar” publicada em sete revistas científicas da Educação Física brasileira, entre 2000 e 2018, visando a identificar a quantidade de artigos publicados, a distribuição temporal da produção, a

distribuição por instituição, a distribuição por tipo de autoria, a distribuição por tipologia do texto e caracterização dos autores segundo a titulação e gênero. Além disso, buscamos identificar a discussão realizada nos artigos identificados, onde foi feita uma correlação nas contribuições de cada autor em relação aos pontos que levantamos no decorrer do trabalho.

Em função de seus objetivos, o trabalho caracteriza-se como uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2002), busca maior proximidade e familiaridade com o assunto proposto, além de permitir uma investigação detalhada e a elaboração possíveis hipóteses do fenômeno. De acordo com o autor, a maior parte dessas pesquisas envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Quanto aos procedimentos adotados, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, pois busca colocar o pesquisador em contato com o que foi escrito sobre algum assunto (LAKATOS; MARCONI, 2003).

A seleção das revistas tomou como base o *Qualis* periódicos¹ da Capes, e adotou os seguintes critérios: ser editada por instituição nacional ligada à área; ter abrangência nacional; possuir corpo editorial qualificado; disponibilizar, *online*, todos os números publicados no período analisado - 2000 a 2018 -; apresentar, em seu escopo, a possibilidade de receber publicações relacionadas à temática. A partir desses critérios, foram selecionadas sete revistas situadas nos estratos A2, B1 e B2: Movimento (A2), Revista da Educação Física (UEM) (B1), Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – USP (B1), Revista Brasileira de Ciências do Esporte (B1), Licere (B2), Motrivivência (B2), Pensar a Prática (B2).

Para a seleção do *corpus* da pesquisa a busca foi realizada por meio da leitura dos sumários de todos os números publicados pelas revistas, no período analisado, com o objetivo de identificar os trabalhos que fazem referência à temática capoeira no ambiente escolar. Para isso, realizamos a leitura dos

¹Consiste em um sistema utilizado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos. A classificação é realizada pelos comitês de consultores de cada área de avaliação segundo critérios que procuram refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero (CAPES, 2017).

títulos e, nos casos de dúvidas, do resumo, sendo excluídos os textos que não constituíam referência clara à proposta do trabalho.

Todos os artigos encontrados foram armazenados em um banco de dados criado no *software* Excel da Microsoft a fim de realizar a caracterização a partir dos seguintes campos: nome da revista, volume, ano da publicação, número da publicação, título do artigo, autor(es) do artigo, quantidade de autores, titulação do(s) autor(es), gênero do(s) autor(es), região da instituição, instituição do(s) autor(es) e a tipologia do texto.

A justificativa para o período de periodização do trabalho (2000 a 2018) foi buscar contribuições atualizadas sobre a capoeira no ambiente escolar, também a intenção foi entender como a capoeira se insere na escola pelas perspectivas desses artigos após os anos 2000.

2 AMPLIANDO HORIZONTES SOBRE A CAPOEIRA

Quando refletimos sobre a capoeira, entendemos que ela permite ser vista e analisada em vários âmbitos, pois enxergamos a magnitude que esse conteúdo pode nos proporcionar ao estudá-lo. Em função disso, apresentaremos, nesse tópico, alguns pontos que são importantes para compreendermos um pouco sua trajetória e sua relação com o ambiente escolar.

2.1 PERCURSO HISTÓRICO DA CAPOEIRA

A capoeira compõe o conjunto de grandes ícones contemporâneos que representam a identidade cultural brasileira junto com o carnaval, o samba e o futebol (OLIVEIRA, LEAL, 2009). Muito se discute sobre a sua origem dentro das diferentes áreas do conhecimento, como História, Administração, Comunicação, Sociologia e Educação Física, entre outras (LUSSAC; TUBINO, 2009).

A capoeira trilhou um longo caminho desde seu surgimento até os dias atuais, passando de atividade considerada prática marginal a patrimônio imaterial da cultura brasileira (MELLO; SCHNEIDER, 2015). De acordo com Lussac e Tubino.

(...) há discussões e diferentes posições dos pesquisadores quanto às interpretações etimológicas da palavra capoeira e do próprio termo e seu emprego, as quais são encontradas em documentos a partir do final do século XVI (LUSSAC; TUBINO, 2009, p. 8)

Segundo Araújo, citado por Lussac e Tubino (2009), os primeiros registros sobre a capoeira, compreendida como prática corporal, surgiram na primeira década do século XIX, no Rio de Janeiro. Anterior a isso, é possível encontrar a generalização da palavra capoeira para designar tanto o praticante quanto também malfeitores, ladrões e bandidos de toda ordem. Por esse motivo, não se tem catalogado registros oficiais sobre a capoeira anterior a esse período, mas de certa forma, há a possibilidade do surgimento da prática da capoeira

como luta-jogo no final do século XVIII, também no Rio de Janeiro. Entretanto, os registros que existem sobre esse período não podem comprovar essa afirmação com rigor metodológico-científico (ARAÚJO citado por LUSSAC, TUBINO, 2009).

Por volta do fim do século XIX e início do século XX, podemos perceber, verificando os documentos e por outras evidências, o desenvolvimento e surgimento da capoeira em vários outros estados do Brasil, como na Bahia, na região metropolitana de Pernambuco, na cidade de São Luiz, capital do Maranhão, na cidade de Belém do Pará, no estado de São Paulo, na capital e também no interior, entre outros lugares (LUSSAC, TUBINO, 2009). De acordo com os autores

Presente em vários momentos político-sociais do país, inclusive na Guerra do Paraguai, a capoeira vai ganhando destaque nas manchetes dos jornais. Ao mesmo tempo em que crescia o seu envolvimento com a polícia e políticos de diferentes posições e interesses, em um jogo de influência e poder, também crescia o medo e a submissão social às maltas de capoeira e suas façanhas violentas ao fio das navalhas e das cabeçadas e pernadas (LUSSAC, TUBINO, 2009, p. 9).

Por aparecer nesse meio violento de disputas dos grupos, também chamados de maltas, a capoeira passa a ser um dos principais alvos de repressão por parte do governo, após a Proclamação da República - sendo buscada a sua extinção, quando a prática da capoeiragem em ruas e praças públicas foi proibida pelo Código Penal de 1890. As maltas, após isso, se desfizeram e o capoeirista sem essa vinculação, buscou outras formas de se integrar e participar de outros grupos da sociedade - muitos passam a ser cabos eleitorais, viraram ajudantes da polícia e outros se tornam militares, etc. Mas, a campanha de combate à capoeira foi tão massiva que a polícia recebeu carta branca para deportar capoeiristas para o presídio na ilha de Fernando de Noronha. Ao fim do século XIX, a capoeira não havia sido extinta, entretanto, as maltas sim (LUSSAC; TUBINO, 2009).

Alguns capoeiras se refugiaram mantendo laços, como antes, com o Estado e o poder. Uns seguiram como salteadores, enquanto outros vieram a compor a nata da malandragem, bem diversificada, continuando assim a prática da capoeira, como bambas, mas de modo diferenciado.

[...]Outro caminho é uma vertente oposta à da malandragem, ramificada em uma parcela da elite social ou em grupos próximos a esta, a qual tentou criar uma capoeira esportiva, uma prática nacional, de origem brasileira, de ginástica corporal e/ou defesa pessoal de acordo com os preceitos da época, resgatando a capoeira do caminho maligno e impuro do submundo da malandragem (LUSSAC; TUBINO, 2009, p. 10).

Os autores acrescentam ainda, que, desde o final do século XIX, alguns intelectuais defendiam a capoeira como ginástica e luta nacional, de origem brasileira, que deveria ser incentivada como prática na formação física dos jovens e também no meio militar. Afirmam, ainda, que, no início do século XX, podemos encontrar referências que tratavam a capoeira de distintas formas e perspectivas e o marco da iniciativa mais expressiva em promover a luta brasileira como esporte, defesa pessoal e ginástica foi a publicação da obra *O Guia do Capoeira ou Ginástica*, seguida pela de Zuma, Aníbal Burlamaqui (1928) - *Ginástica Nacional (Capoeiragem) – metodizada e regrada* - considerada um aperfeiçoamento e extensão da primeira (LUSSAC; TUBINO, 2009).

Essas obras e suas repercussões pelo país tiveram influência das suas criações e se repercutem pelo país no período em que Mestre Bimba a criar a sua Luta Regional Baiana, na Bahia, mais tarde conhecida tradicionalmente como Capoeira Regional. O próprio termo *Regional* teria sido usado em contraponto ao *Nacional* usado para denominar a prática da capoeira daquele período no Rio de Janeiro, com a intenção de tirar a carga/peso pejorativo que a palavra capoeira ainda trazia consigo e obter assim uma melhor aceitação. Esse movimento de Mestre Bimba, acaba gerando um novo grupo de capoeiristas em contraposição a capoeira regional, onde a partir daí naquela região que passaram a nomear a capoeira praticada por eles como *Capoeira Angola* (LUSSAC; TUBINO, 2009).

Tanto a Capoeira Regional como a Capoeira Angola viriam integrar a maior parte das bases transmissoras da capoeira pelo Brasil e pelo mundo (LUSSAC; TUBINO, 2009). A chamada “capoeira regional” está associada a Manuel dos

Reis Machado (1900-1974), conhecido por mestre Bimba e a “capoeira angola”, teve como seu principal mentor Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981), conhecido por mestre Pastinha (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Após vários anos das subdivisões Regional/Angola que foram predominantes no meio da capoeiragem do século XX, passou a existir um movimento dos descontentes com essa dicotomia da capoeira que defendiam a concepção da capoeira como uma prática única, conforme aponta Rego ao afirmar que

A capoeira é uma só, com ginga e determinado número de toques e golpes, que servem de padrão a todos os capoeiras, enriquecidos com criações novas e variações sutis sobre os elementos matrizes, mas que não os descaracterizam e interferem na sua integridade (REGO, 1968, p. 20).

Diversos nomes foram usados para identificar a nova tendência, como capoeira contemporânea, por alguns, angonal por outros e, ainda, atual, por terceiros (ASSUNÇÃO; VIEIRA, 1999).

Assim, ao compreendermos sua trajetória, percebemos que a vivência social que a capoeira transmite é algo que vai muito além do que uma simples invenção - com o sentido de algo finalizado - de uma prática cultural. Ela é, na realidade, uma constante reinvenção, e o significado disso é que em cada momento da história, a prática da capoeira possui significados e características próprias vividas em cada época (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

2.2 A CAPOEIRA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Segundo Oliveira e Leal (2009), desde 1936, ainda como anteprojeto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) - denominação antiga do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) -, a capoeira já poderia ter adquirido o registro de patrimônio da cultura imaterial brasileira, pois para que uma obra fosse realmente considerada Arte Patrimonial precisaria pertencer a uma das categorias listadas pelo referido órgão federal, dentre elas, aquela intitulada Arte Popular. Porém, esse reconhecimento teve que esperar muitas décadas, pois essa prática ainda não

era considerada como um elemento de identificação da cultura brasileira, o que seria necessário para enquadrá-la no conceito de patrimônio nacional. Muito pelo contrário, a capoeira, naquele período, ainda era considerada crime pelo Código Penal vigente. Portanto, seria até contraditório retirá-la da criminalidade e logo em seguida ter esse reconhecimento como patrimônio (OLIVEIRA; LEAL 2009).

Um documento que contribui para analisarmos essa imaterialidade, são os registros e contribuições do GT Capoeira e Educação do 1º Encontro Regional do Programa Nacional de Salvaguarda e Incentivo à Capoeira – Pró-capoeira realizado em 2010, onde nas situações-problema levantadas no documento, uma dessas situações pontua “Falta de canais de diálogo e de parcerias com as secretarias governamentais para garantir a capoeira como prática educativa, cultural e de fácil acesso”. Como forma de solução sugerida a essa situação, trazem a contribuição da importância ao

Estabelecer parcerias entre os ministérios (MinC/IPHAN, MEC, ME, MT) e as secretarias estaduais e municipais para garantir como política de estado de pleno acesso à sociedade brasileira a prática da capoeira, com qualificação profissional, carreira de trabalho e salário compatível à formação e responsabilidade inerentes à atividade educacional do capoeira, considerando-a numa perspectiva educativa e cultural; seus métodos, lugares e formas tradicionais de ensino; sua multidisciplinaridade e transversalidade nas diferentes áreas humanas e da saúde (GT Capoeira e Educação, 2010).

Entendia-se patrimônio como algo de alto valor material e simbólico para a nação, como os monumentos arquitetônicos, por exemplo. Era considerado patrimônio aquilo que era entendido como belo, excepcional, exemplar e que passasse a nacionalidade de alguma forma. Características que, hoje, qualificam muito bem a capoeira, mas que, na época, devido à sua trajetória e o significado da prática, não poderiam ser consideradas (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Nessa perspectiva, a capoeira atendia um padrão estético e simbólico extraocidental, não correspondendo ao que se estabelecia como referencial de cultura nacional. Os símbolos veiculados pela prática da capoeira estavam carregados de valores produzidos na experiência afro-diaspórica no Brasil, além da carga de marginalidade que o agente da capoeiragem suportava por conta da criminalização que restringia a prática e seus valores socioculturais desde o século XIX (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p.46).

Com o passar das décadas, junto com a reformulação do conceito de patrimônio, a partir da constatação de que os signos das identidades de um povo não podem ser definidos tendo como referência apenas as culturas ocidentais, a capoeira se aproximou da possibilidade do seu reconhecimento como patrimônio da cultura brasileira. Porém, no tempo que tal noção de patrimônio cultural se expandia, a capoeira tornava-se pela experiência que produziu junto às diferentes divisões sociais da sociedade brasileira, um símbolo particular de nacionalidade brasileira (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Os significados atribuídos à capoeira, através de diferentes discursos, variaram bastante ao longo de sua história. Durante a maior parte do século XIX até as três primeiras décadas do século XX, a capoeira sempre esteve associada ao mundo do crime. Poucas vezes ela foi compreendida como uma prática cultural pertinente à sociedade brasileira. Sua prática, contudo, iria experimentar uma outra significação a partir da década de 1930. Passaria de crime previsto no Código Penal para uma luta considerada genuinamente brasileira. Por trás desta nova significação, estavam alguns cientistas sociais que inovaram os estudos sobre o negro no Brasil ao substituírem, em suas interpretações, a categoria “raça” pela de “cultura” (destacam-se nesse aspecto os trabalhos de Arthur Ramos, Edson Carneiro e Gilberto Freyre). Posteriormente, a capoeira também seria resgatada como cultura nacional, a partir das obras de Jorge Amado, Carybé e Pierre Verger (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 48).

Percebemos que toda essa trajetória foi útil para mostrar que a história da capoeira apresenta a peculiaridade de ser a história de uma dinâmica cultural em constante reinvenção, e que qualquer tentativa de análise do passado, com elementos do presente, pode levar o pesquisador a cometer erros severos. Nesse caso, toda investigação histórica de atribuição simbólica relacionada à capoeira, a qualquer instante e lugar em que ela esteja acontecendo, necessita de uma compreensão adequada para tal significado no contexto certo, pois afinal de contas, desde o século XIX, a capoeira é um acontecimento cultural

que tem se expandido por quase todo o território do nosso país (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Tornou-se um fenômeno inusitado de representação da identidade nacional às avessas. Ou seja, carrega em si o paradoxo de ser uma arte marginalizada pelos diversos projetos nacionais e ao mesmo tempo um instrumento incomparável de divulgação da história e da cultura brasileira pelo resto do mundo. Além disso, antes mesmo de qualquer debate político ou acadêmico sobre o assunto, a capoeira já era, em sua vivência e ensino, um meio excepcional de ação afirmativa da identidade brasileira, em especial aquela produzida pela experiência do negro no Brasil (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 55).

Tendo como pilar essa base histórica e seus diversos significados histórico-culturais que esta prática passa a compor o registro dos bens culturais brasileiros, sendo tombada como patrimônio da cultura imaterial do Brasil, em 2008 (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

2.3 CAPOEIRA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ao tentarmos compreender o papel da escola e também da Educação Física, é comum considerarmos que os conteúdos trabalhados devem se apresentar como meio de intervenção e mudança na vida dos alunos. Dentro dessa concepção, e considerando como conteúdo a capoeira, Noronha e Nunes afirmam que

(...) a escola precisa promover contextos de conhecimento e vivências de manifestações populares com o intuito de promover a perpetuação do conhecimento assim como o debate sobre suas possibilidades de contribuição para a construção da identidade sociocultural dos sujeitos envolvidos (NORONHA, NUNES, 2004).

Existem hoje instrumentos legais, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na área de Educação Física para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1998a), e a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) que tratam da “[...] obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira nos ensinos

fundamental e médio”, que mostram novas possibilidades no pensar e no executar das aulas de educação física no ambiente escolar (ROCHA, 2013). Esses registros e instrumentos legais vem se refletir mais tardes nas novas resoluções da Base Nacional Curricular comum (BNCC) na área da Educação Física, onde nos trazem contribuindo

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história (BNCC, p.213, 2017).

A capoeira - entendida em sua amplitude e sua possibilidade de transformar conforme sua utilização pelos sujeitos que a praticam, pensam, gostam, legislam, consomem - deve ser tratada na escola, sobretudo, por se caracterizar como manifestação cultural de origem nas camadas e espaços populares (ROCHA, 2013).

O processo pedagógico que se utiliza da capoeira como tema privilegiado no âmbito da escola, seja direcionado na aula de Educação Física ou como componente de um projeto curricular envolvendo outra disciplina, tem o necessário para reunir todos os elementos indispensáveis à formação de uma consciência crítica e reflexiva sobre a realidade que cerca o aluno, que por sua vez, tem a possibilidade de se reconhecer como sujeito de uma práxis político-pedagógica, dentro dos princípios de uma educação libertadora (CASTRO, ABID, SOBRINHO, 2000).

Quando pensamos no ensino da capoeira nas aulas de Educação Física é muito mais do que apenas executar exercícios corporais repetitivos e sem sentido. Busca-se estudar as manifestações da cultura corporal procurando compreender seus aspectos históricos, técnicos, sociológicos, antropológicos, biológicos, isto é, situando-os no contexto social no qual encontram-se inseridos e instigando os alunos a realizarem uma leitura de sua realidade (COSTA, 2011).

Pensamos que a educação física nesta perspectiva expressa diferentes tipos de linguagem nas quais cada manifestação da cultura corporal possui seu repertório próprio e específico. Assim, cabe à escola e às aulas de educação física o ensino de diferentes linguagens ligadas à cultura corporal no sentido de democratizá-las. No processo de ensino-aprendizado da capoeira devemos levar em consideração a ambiguidade desta manifestação cultural (COSTA, p. 891, 2011).

Entendemos, portanto, que a capoeira, ao aproximar-se da escola pode trazer consigo alguns dos seus valores primários de origem da cultura popular que parecem ser bastante “bem-vindos” em uma ideia de educação que compreende a importância de construir e valorizar os discursos alternativos à visão hegemônica da sociedade e cultura que, além dos saberes do “conhecimento científico”, como recorda Abib citado por Rocha (2007, p. 10), cada vez mais dá “força e sabedoria das pessoas simples do nosso país, como um grande manancial de experiências e humanidade”. Sendo assim, concordamos com Abib, citado por Rocha (2007), em sua colocação sobre a importância da cultura popular - referindo-se particularmente à capoeira - para a educação no Brasil.

A capoeira, como tantas outras manifestações da cultura popular, é um rico manancial de humanidade, onde muito se aprende sobre a vida e sobre valores fundamentais para a existência humana como a solidariedade, a igualdade, o respeito às diferenças, o compartilhar, o respeito à natureza, a cooperação, o equilíbrio, a humanidade, a parceria, entre tantos ensinamentos que a sabedoria do nosso povo vem cultivando, preservando e transmitindo de geração a geração ao longo da história do nosso país, resistindo e lutando por manter vivas suas tradições, legado maior de uma ancestralidade que rege suas formas de ser e estar no mundo (ABIB, 2007, p. 12).

O Coletivo de Autores traz um reforço ao ponto levantado ao nos dizer que a Educação Física brasileira precisa buscar o resgate a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com sua historicidade, não desconsidera-la do movimento cultural e político que a gerou. Esse alerta vale nos meios da Educação Física, inclusive para o judô que foi, entre nós, totalmente despojado de seus significados culturais, recebendo um tratamento exclusivo técnico (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Permeando o assunto, Guiraldelli contribui quando levantamos o mesmo ponto, e traz isso dizendo que

Dentro desta perspectiva é preciso que se entenda que o movimento humano não pode ser tomado como algo abstrato, regido exclusivamente pelo tecnicismo “neutro” da biomecânica ou da fisiologia, como querem certos “cientistas” da área, mas deve ser compreendido e estudado como intimamente ligado ao movimento social. E isso fica claro quando tomamos certas lutas/danças que representam não apenas movimentos musculares, mas movimentos sociais de libertação popular (podemos pensar, como exemplo, na capoeira) (GHIRALDELLI, 1992).

Durante anos, várias iniciativas de inclusão da capoeira em diversos espaços sociais, como escolas, universidades, clubes e academias, e dentro da próprio curso de Educação Física foram registradas. Atualmente, alguns estudiosos da área dessa área vêm produzindo trabalhos sobre a capoeira, buscando refletir sobre as experiências de sua inserção no contexto escolar. Mello e Schneider (2015), afirmam que, quando pensamos no processo de ensino-aprendizagem da capoeira no ambiente escolar, precisamos levar em conta as variações dessa manifestação, sendo por sua vez luta, jogo, brincadeira e como dança tornando assim a capoeira como um processo pedagógico bastante enriquecedor.

De acordo com os autores, às vezes, o professor pode partir de uma realidade difícil para inserir a capoeira, como, por exemplo, falta de materiais necessários para a realização de algumas propostas, ausência de um espaço adequado para as aulas, falta de instrumentos musicais para que todos possam praticar e, também, a pouca experiência com o conteúdo capoeira. Porém, seguem afirmando que, apesar desses diversos fatores, o interesse do professor e alunos em aprender sobre a prática, pode ser o fator determinante para que possa se obter êxito em grande parte das experiências que podem ser propostas superando muitos dos problemas citados.

Assim, a capoeira, nas aulas de Educação Física, pode contribuir para problematizarmos as adversidades da vida ocorridas no passado e também no presente, perspectivadas no futuro, além de possibilitar construir e formular realidades a serem dialogadas no dia-a-dia dos alunos (KOHL, 2012).

3 REVISTAS CIENTÍFICAS COMO CANAIS DE COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA

A divulgação do conhecimento científico não se iniciou diretamente com as revistas científicas. Inicialmente, era feita por meio da troca de cartas entre os cientistas, mas esse modo de interação estava sujeito à interrupção, devido à separação geográfica e às disputas interpessoais. Nesse período, a ciência feita nas universidades era desenvolvida por indivíduos solitários que trabalhavam quase que isolados. Os relatos nas cartas de descobertas e o desenvolvimento de pesquisas eram enviados a amigos e circulavam entre pequenos grupos de interessados. Esses grupos recebiam, avaliavam e debatiam seus conteúdos, mas raramente criticavam ou rejeitavam as teorias relatadas, já que os autores quase nunca as enviavam para aqueles que o poderiam fazer (MEADOWS, 1999).

Dessa maneira, compreendemos que as revistas científicas surgem como uma evolução do sistema particular e privado de comunicação que era feito por meio de cartas entre os investigadores e das atas ou memórias das reuniões científicas. Nascimento (2003) aponta que a revista científica é um dos canais mais usados pela comunidade científica, pois, por meio dela, o pesquisador expõe ideias, garante a propriedade científica e se submete à avaliação dos pares. Essa atividade possibilita a transformação da informação em conhecimento, contribuindo para o avanço da ciência.

O fato de terem um alcance geográfico maior e a possibilidade de permanência dos registros, faz com que as revistas constituam importantes canais de comunicação da ciência e, como aponta Stumpf (1997), por meio delas, o conhecimento torna-se passível de ser utilizado pela comunidade científica, alavancando novas ideias e descobertas. Compreendidas nesses formatos, as publicações se constituem tanto em insumo básico quanto em produto final da atividade científica. Do seu surgimento aos dias de hoje, as revistas científicas nas mais diversas áreas do conhecimento, se perpetuaram como canais privilegiados de comunicação das pesquisas por oferecerem uma visão confiável do progresso da área a qual estão associadas, já que constituem um

arquivo por meio do qual se pode reconstruir sua evolução intelectual (PINO, 2002).

Tendo se consolidado como um canal de comunicação do conhecimento, as revistas científicas cumprem diversas funções, dentre elas: registro público do conhecimento; estabelecimento da “ciência certificada”, isto é, do conhecimento que recebeu o consenso da comunidade científica; registro da autoria da descoberta científica; indicador de desempenho acadêmico do pesquisador; arquivo ou memória científica e canal de disseminação da informação por meio dos serviços de *index* e bibliotecas (OHIRA et al., 2000). Entretanto, para cumprir todas essas funções, é necessário se estabelecer e consolidar e para alcançar isso, necessitam da presença de uma comunidade científica e o fomento das suas atividades de pesquisa. Sendo assim, o maior ou menor desenvolvimento desse veículo depende do estágio de desenvolvimento da área

[...] cujas ideias eles veiculam; de uma comunidade engajada na atividade de pesquisa e da afluência de artigos para publicação, da existência de grupos e instituições que desempenham funções típicas de edição, avaliação, publicação, disseminação e recuperação; da existência de mercado representado por uma comunidade de usuários que o legitimem; de infraestrutura para distribuição, recuperação e acesso às informações (MIRANDA, 1996, p. 2).

Dentre os problemas que essas publicações podem enfrentar, Mueller (1999), Stumpf (2000) e Ohira *et al* (2000) apontam como os principais: a criação de periódicos como resultado da necessidade de publicar que atinge muitos cientistas; a dispersão de artigos; o alto custo para produção/editoração; a falta de infraestrutura para captação de artigos originais; a formação deficiente do corpo editorial e a falta de padronização em geral. Por consequência desses fatores negativos, muitas revistas brasileiras são pouco aceitas no meio científico internacional. Por isso, as agências financiadoras têm se preocupado em definir políticas de apoio às publicações com intuito de contribuir para sua qualidade. Mueller (1999) enfatiza que algumas são publicadas de forma semiamadora, com distribuição deficiente e, frequentemente, apresentam irregularidades na periodicidade e desaparecem com facilidade.

As revistas científicas são consideradas de boa qualidade na medida em que publicam bons artigos, mantêm sua periodicidade e são facilmente encontradas. A evidência disso, segundo Mueller (1999), dentro de um princípio que é mais claramente apresentado pela autora ao afirmar que

[...] a afluência de bons artigos, isto é, as razões que motivam autores mais conceituados a escolherem um determinado periódico para mandar seu manuscrito, é consequência da regularidade da publicação e facilidade de acesso por leitores interessados. Qualidade de artigos, regularidade na publicação e facilidade de acesso permitem ao periódico ser incluído em base de dados internacionais e aumentar sua visibilidade. A visibilidade aumenta as chances de citação. O financiamento é mais acessível aos periódicos que publicam bons artigos, são indexados e citados, ou seja, que têm boa reputação. A boa reputação se mantém com o rigor da seleção dos artigos. O rigor da seleção só pode ser aplicado onde há boa afluência de artigos. Mas a boa afluência de artigos depende de todo o resto... (MUELLER, 1999, p. 4).

Dessa forma, muitas revistas acabam por não terem condições de sobrevivência tanto por falta de bons artigos como por falta de financiamento. Algumas conseguem atrair bons artigos e manter sua periodicidade, mas não recebem o reconhecimento que mereciam (MUELLER, 2000). Porém, a autora aponta que, apesar de todos esses problemas, a qualidade dos artigos publicados nessas revistas não é necessariamente inferior ao restante das publicações.

Para Nascimento (2003), de alguma forma, as revistas representam a finalização da ciência, já que, quando a pesquisa se converte em produto científico, significa que ela alcançou determinado grau de maturidade que lhe permite ser divulgada. Por esse motivo e por compreendermos, então, que elas constituem importantes canais de comunicação nas diferentes áreas do conhecimento, optamos, nesse trabalho, por analisar a produção científica sobre a capoeira no ambiente escolar veiculada em sete revistas da Educação Física brasileira.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Na realização do estudo, foram selecionadas sete revistas científicas da Educação Física brasileira que, durante o período de 2000 a 2018, publicaram 389 fascículos e 5.733 artigos, conforme demonstra a Tabela 1.

Tabela 1 - Quantidade de fascículos e de artigos publicados nas revistas

REVISTAS	NÚMEROS PUBLICADOS	TOTAL DE ARTIGOS PUBLICADOS	ARTIGOS PUBLICADOS SOBRE CAPOEIRA ESCOLAR	ARTIGOS PUBLICADOS SOBRE CAPOEIRA FORA DA ESCOLA
MOVIMENTO	66	963	2	7
REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (UEM. ONLINE)	50	869	0	3
REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE- USP	58	683	0	1
REVISTA BRASILEIRA DE CIENCIAS DO ESPORTE (RBCE)	64	885	3	8
LICERE (CENTRO DE ESTUDOS DE LAZER E RECREAÇÃO ONLINE)	57	781	0	7
MOTRIVIVÊNCIA (UFSC)	42	685	5	2
PENSAR A PRÁTICA	52	867	1	5
TOTAL	389	5733	11	33

Do total de artigos publicados, os que tratam da temática abordada neste trabalho, representam apenas 0,19% da produção. A Motrivivência foi a revista que publicou maior número de artigos (cinco), seguida da RBCE (três), Movimento (dois) e Pensar a Prática (um).

O maior número de publicações sobre o tema na Motrivivência pode ter relação com escopo da revista e com a publicação de um fascículo (n. 37, 2011) com a temática “Diversidades socioculturais na Educação Física” que possui dois artigos sobre a temática.

Percebemos também que, das sete revistas selecionadas, a Revista da Educação Física da UEM, a Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – USP e a Licere (Centro de estudos de lazer e recreação online) não publicaram, no período analisado, artigo sobre o tema pesquisado. Acreditamos que, no caso da UEM, por exemplo, isso possa estar relacionado ao escopo mais amplo da revista que tem buscado, ao longo de sua trajetória, maior diálogo com as áreas da saúde e biodinâmica (MELLO *et al*, 2016). Na Tabela 2 são apresentados os artigos selecionados no estudo.

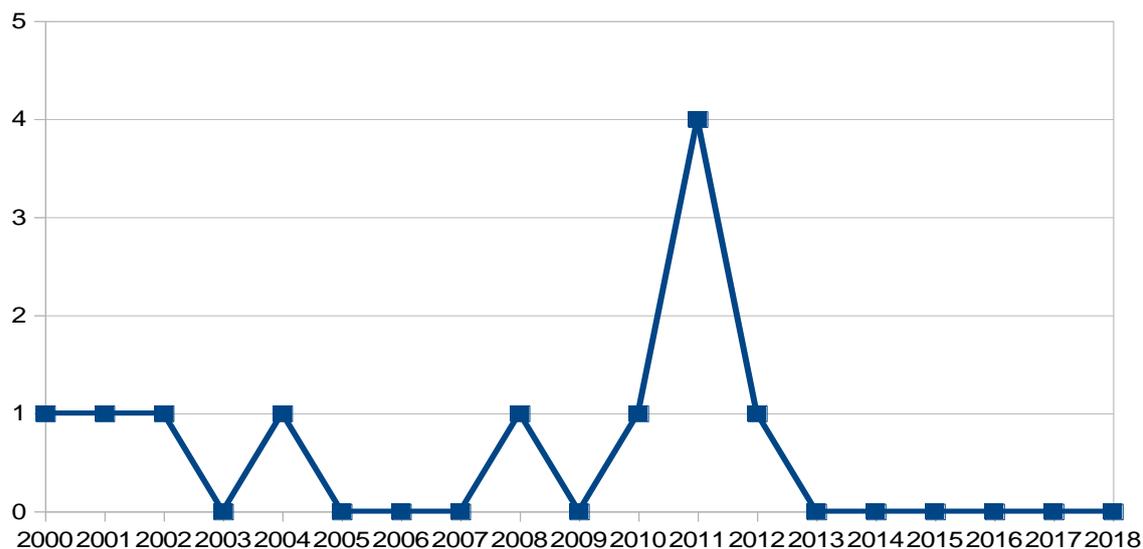
Tabela 2 - Artigos sobre capoeira no ambiente escolar publicados nas revistas selecionadas (continua na pagina seguinte)

REVISTA	ANO	VOLUME	NÚMERO	TÍTULO
MOVIMENTO	2008	14	2	UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA PARA A CAPOEIRA
MOVIMENTO	2011	17	3	INCONFORMAÇÃO, CONFORMAÇÃO E FORMAÇÃO DO CORPO NO JOGO DA CAPOEIRA: PISTAS PARA PENSAR O PROCESSO EDUCATIVO.
REVISTA BRASILEIRA DE CIENCIAS DO ESPORTE (RBCE)	2001	23	1	CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA – UMA HISTÓRIA QUE DÁ JOGO... PRIMEIROS APONTAMENTOS SOBRE SUAS INTER-RELAÇÕES
REVISTA BRASILEIRA DE CIENCIAS DO ESPORTE (RBCE)	2002	23	2	O ENSINO DA CAPOEIRA: POR UMA PRÁTICA NAGÔ
REVISTA BRASILEIRA DE CIENCIAS DO ESPORTE (RBCE)	2011	33	4	CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZADO DE PROFESSORES
MOTRIVIVÊNCIA	2000		14	CAPOEIRA E OS DIVERSOS

(UFSC)			APRENDIZADOS NO ESPAÇO ESCOLAR
MOTRIVIVÊNCIA (UFSC)	2010	35	A CAPOEIRA COMO UMA ATIVIDADE EXTRACURRICULAR NUMA ESCOLA PARTICULAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.
MOTRIVIVÊNCIA (UFSC)	2011	37	A CAPOEIRA COMO POSSÍVEL INSTRUMENTO DE PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA: EXPERIÊNCIA NO CEC ITACORUBI – FLORIANÓPOLIS.
MOTRIVIVÊNCIA (UFSC)	2011	37	A CAPOEIRA NA ESCOLA E NA EDUCAÇÃO FÍSICA
MOTRIVIVÊNCIA (UFSC)	2012	38	TENSÕES E CONFLITOS NA INSERÇÃO DA CAPOEIRA NAS ESCOLAS DE SÃO JOSÉ, SC: PROPONDO UMA ANÁLISE OBJETIVA E SUBJETIVA DO PROCESSO EM ANDAMENTO.
PENSAR A PRÁTICA	2004	7	2 CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A distribuição dos artigos encontrados ao longo do período analisado pode ser observada conforme o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Distribuição temporal dos artigos



Nos nove primeiros anos da década de 2000, foram publicados cinco trabalhos (2000, 2001, 2002, 2004 e 2008). Nos nove anos seguintes, identificamos seis artigos. Nesse período, destaca-se o ano de 2011, com quatro publicações, 2010 com um e um artigo em 2012. A partir de 2013 não foram publicados artigos sobre essa temática nas revistas analisadas.

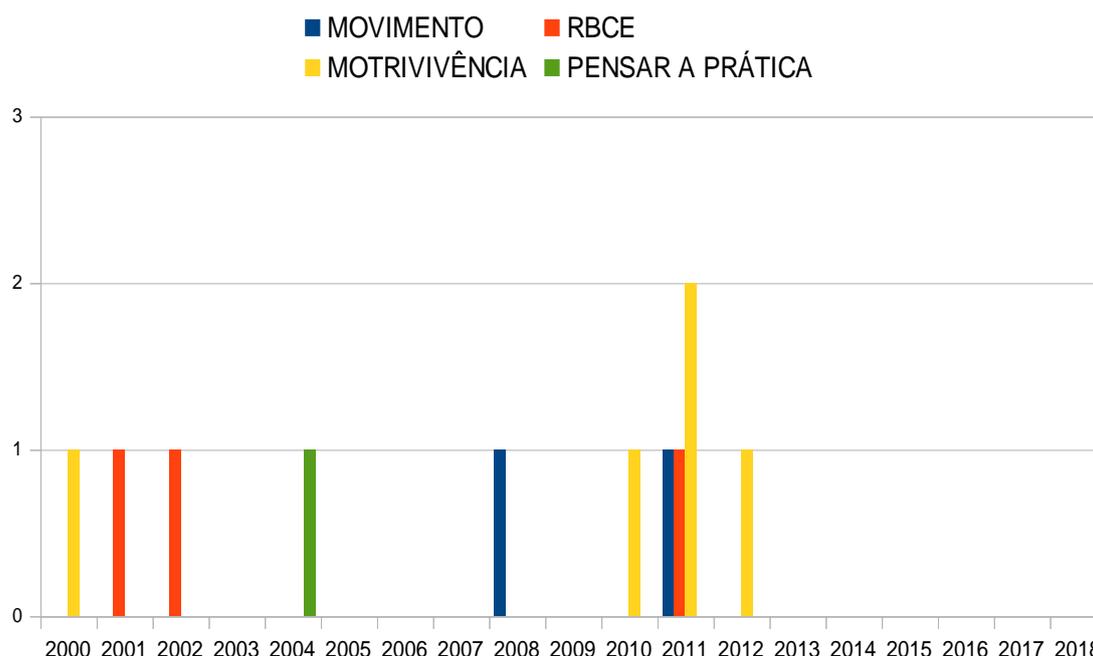
O Gráfico 1 demonstra que mais de 36,3% dos artigos foram publicados em 2011 e isso pode ser explicado pela publicação de um fascículo da Motrivivência, como informado anteriormente, com a temática “Diversidades socioculturais na Educação Física”. De acordo com os editores da revista, a temática foi levantada para valorizar problemas de relevância pública, tendo em vista que

[...] Em primeiro lugar, somos da opinião que, na Educação, o trato para com a questão da desigualdade (classe) e da diversidade ou diferença (gênero, cultura e outras) requer que consideremos a dimensão político-pedagógica das diversas categorias analíticas, tais como: classe, raça/etnia, gênero, geração, cultura e outras. Isto requer que compreendamos a realidade educacional brasileira e, em particular da Educação Física, como projetos educacionais que precisam atuar contra as desigualdades, reconhecendo as diferenças ou diversidades (EDITORIAL, 2011, p. 3).

Apontamos ainda que os artigos publicados do ano de 2008 em diante, pode contribuído para atenção ao tema o momento em que a capoeira recebe o reconhecimento de patrimônio imaterial da cultura brasileira que ocorreu no ano de 2008.

A distribuição dos artigos por revista ao longo do período analisado está apresentada no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Distribuição temporal dos artigos por revista

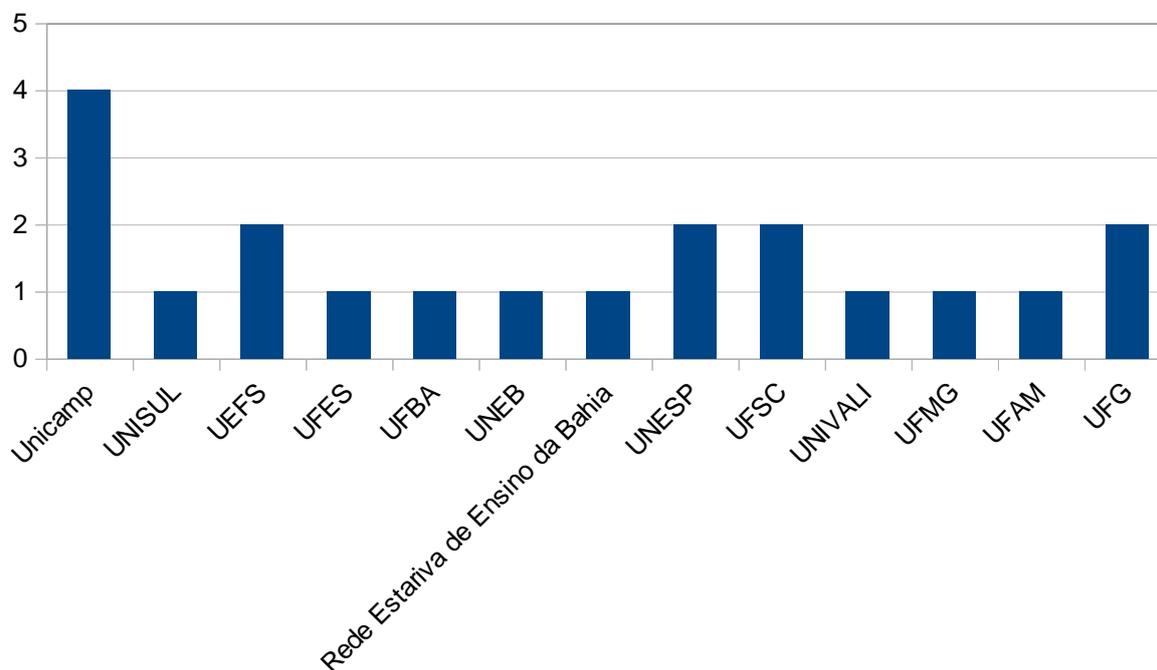


Durante os dezoito anos estudados, verificamos que a revista Motrivivência apresentou cinco publicações, se destacando como a revista com maior número de trabalhos relacionados à temática. Em 2011, publicou dois artigos e, em 2000, 2010 e 2012, um artigo por ano. Acreditamos que esse dado por ter relação com o escopo da revista, conforme mencionado anteriormente.

Logo em seguida, aparece a *RBCE*, com três artigos, um no ano de 2001, um em 2002 e um em 2011. A revista Movimento publicou dois artigos no período estudado, um no ano de 2008 e outro em 2011, e a revista Pensar a Prática publicou um artigo, em 2004.

Buscamos, também, a fim de caracterizar a produção científica sobre capoeira no ambiente escolar, identificar a instituição de origem dos autores dos artigos com objetivo de perceber as que mais contribuem para a discussão da temática (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Filiação institucional dos autores



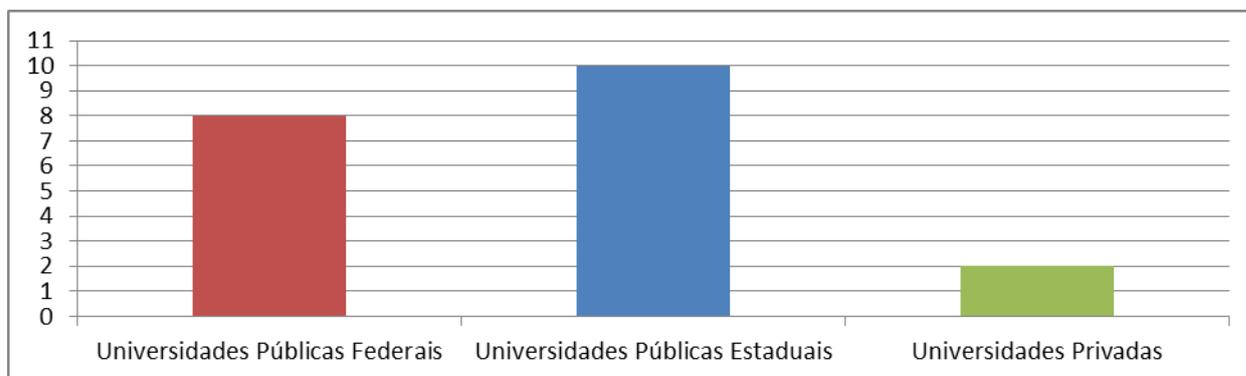
Inicialmente, identificamos que os onze artigos foram produzidos por vinte autores vinculados a treze instituições de quatro regiões do Brasil. Dentre as instituições, destaca-se a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com quatro autores (18,1%). A Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a Universidade Estadual Paulista (UNESP), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal de Goiás (UFG) aparecem com dois autores. Vale ressaltar que uma das autoras, Paula Cristina da Costa Silva, aparece na produção de dois artigos, mas vinculada a duas instituições diferentes (em 2001, pela UNICAMP, e 2011, pela UFES).

Com um autor aparecem as seguintes instituições: Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Rede Estariva de Ensino da Bahia, Universidade do Vale do Itajaí

(UNIVALI), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Na análise da natureza das instituições, verificamos a seguinte distribuição (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Distribuição dos autores pela natureza da instituição profissional



Na análise do vínculo dos autores, identificamos que dez são de instituições públicas estaduais, oito são de instituições públicas federais e dois são de instituições privadas. Importante considerar que um mesmo autor, com duas publicações, apresenta vínculos com duas instituições diferentes.

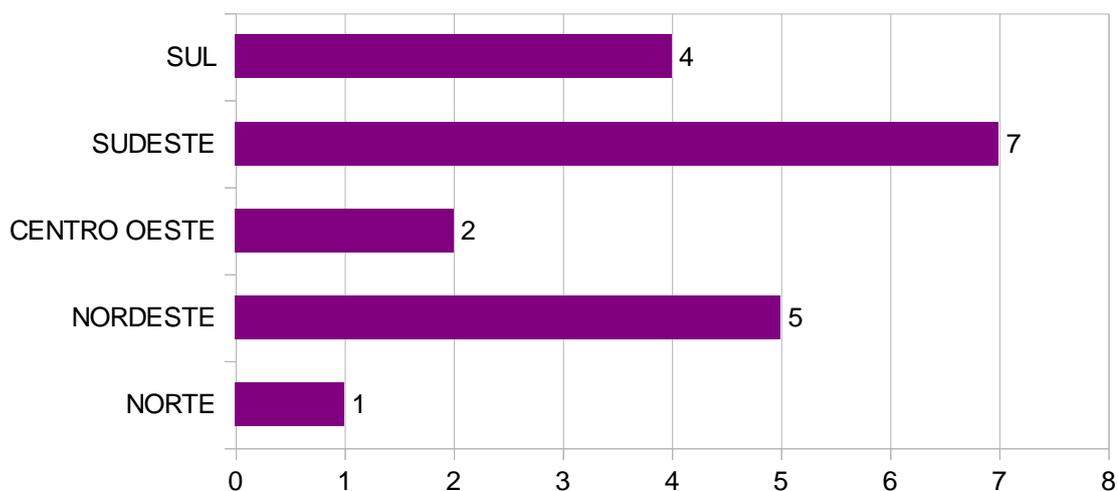
Observamos que as universidades públicas aparecem como as principais produtoras sobre a temática nos últimos dezoito anos, pois, das treze instituições identificadas, seis são universidades públicas federais - UFES, UFBA, UFSC, UFMG, UFAM e UFG -, cinco são universidades públicas estaduais - Unicamp, UEFS, UNEB, Rede Estariva de Ensino da Bahia, UNESP - e duas são instituições privadas (UNISUL E UNIVALI).

Ao analisarmos conjuntamente essas instituições públicas – universidades federais e estaduais - percebemos que elas são responsáveis por dez artigos (90,9%) e são identificadas como vínculo institucional de dezoito autores. A universidade particular UNISUL foi identificada como registro de filiação institucional de um autor que publicou um artigo e o outro autor também de instituição privada (UNIVALI) teve autoria junto com outros de universidades federais em um artigo.

Os dados mostram como a produção científica se localiza e têm sua força de produção dentro das universidades públicas - federais e estaduais - o que corrobora com a afirmação de Durham (1998, p. 1) ao apontar que “[...] Hoje pode-se afirmar, com certeza, que as universidades públicas constituem o principal suporte institucional para a pesquisa e para a formação de pesquisadores”.

Quando analisamos a distribuição das instituições com as quais os autores têm vínculo por região, observamos o seguinte (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Distribuição da filiação institucional dos autores por região



A região sudeste é a que mais se destaca, com (sete) autores (35%). Em seguida, aparecem a região Nordeste (cinco), Sul (quatro), Centro Oeste (dois) e Norte (um). Não foi possível localizar a região de um dos autores por não conseguirmos identificar a instituição.

Os dados nos mostram o que os autores Sidone *et al* (2016) apontam ao destacarem que a geografia da colaboração científica no país é marcada pela concentração da produção nas regiões sudeste e sul, com ênfase para os estados que sediam universidades consolidadas no cenário acadêmico nacional. Dessa maneira, indicam que no Brasil, também pode se verificar enorme homogeneidade espacial das atividades de pesquisa científica, onde o

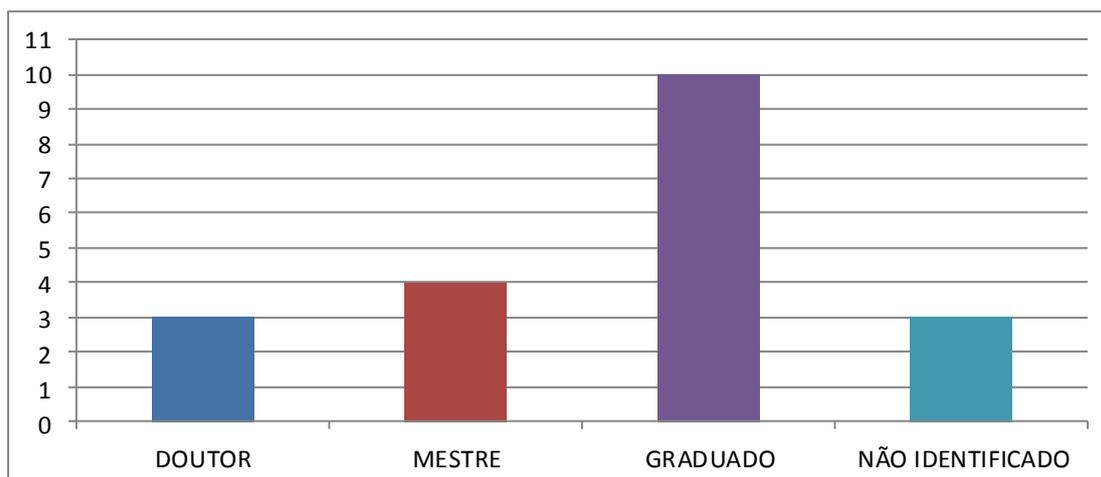
padrão regional da distribuição das publicações e dos pesquisadores é altamente concentrado na região Sudeste, com destaque às capitais dos estados (SIDONE et al, 2016).

Percebemos, também, que os dados confirmam uma assimetria presente na distribuição dos cursos de graduação e pós-graduação em Educação Física no país. Alencar (2014) vem destacar que essa assimetria pode ser explicada devido aos baixos índices socioeconômicos da população nessas regiões do Norte do país, refletindo diretamente no campo educacional, bem como nas políticas de graduação e pós-graduação. Na visão de Alencar (2014), a baixa produção da região Norte, também pode ser relacionada ao fato de

Os pesquisadores da Educação Física da Região Norte não recebem investimentos porque não conseguem ter a produtividade requerida pelas agências de fomento. Sem investimentos tem dificuldades em desenvolver e socializar as pesquisas. Tem dificuldades em participar de eventos científicos e em publicação dos resultados, já que na Região não há programas de mestrado e doutorado, nem periódicos com altos níveis qualis. Com isso, não conseguem alimentar seus Lattes conforme os critérios de produtividade. Assim, não conseguem aprovação de suas propostas nos editais e ficam sem os investimentos para a estrutura adequada e o desenvolvimento de suas pesquisas (ALENCAR, 2014, p. 28).

A fim de caracterizar os autores, analisamos a titulação que apontou o seguinte cenário (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Distribuição dos autores por titulação

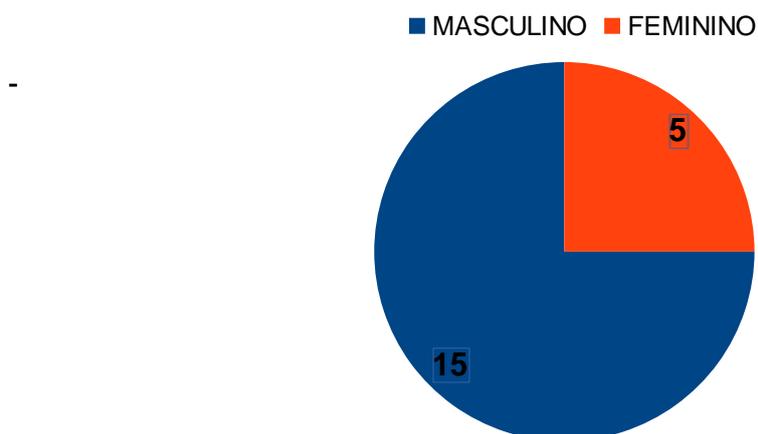


Notamos que, dos vinte autores, não foi possível identificar a titulação de três (15%). Dos demais, três são doutores (15%), quatro são mestres (20 %) e dez são graduados (50%). Observamos, portanto, que, na discussão da temática investigada há predomínio de graduados, seja em autoria individual ou em autoria coletiva.

Ao relacionarmos a titulação dos autores com a quantidade de artigos, identificamos que, das onze publicações identificadas, três são assinadas somente por graduados, quatro por graduados em coautoria junto com os mestres e doutores e dois artigos tem a coautoria por apenas mestres e doutores. Lembrando que em dois artigos não foi possível identificar a titulação dos autores.

Ainda com o objetivo de caracterizar os autores dos artigos, realizamos a análise do gênero, com a finalidade de verificar se existem diferenças de produtividade entre homens e mulheres nessa temática (Gráfico 7).

Gráfico 7- Distribuição dos autores por gênero



Podemos perceber, a partir dos dados levantados, a diferença na produtividade tendo em vista que, dentre os vinte autores, quinze são homens (75%) e cinco mulheres (25%). Na análise por revista, verificamos que as mulheres aparecem em maior número na Pensar a prática (uma), Movimento (uma), RBCE (duas) e Motrivivência (uma).

Essa relação entre produção científica e gênero tem sido abordada por diversos autores pelo fato de ainda existir um entendimento de que as mulheres enfrentam preconceitos e barreiras que comprometem a progressão em suas carreiras científicas, como dificuldade de conciliar a vida familiar com o trabalho em função da dupla jornada, gravidez, dificuldades para participar de congressos em função de compromissos familiares, etc. Na visão de Rigolin *et al* (2013, p. 147) “[...] Embora a participação feminina na ciência e na tecnologia tenha aumentado ao longo dos anos no Brasil e em nível mundial [...] as assimetrias de gênero ainda persistem”. Corroborando essa informação, Hayashi (2007) ao citar Lowy, afirma que

A ciência é geralmente apresentada como uma sucessão de “grandes homens” – e de algumas mulheres escolhidas – que fizeram “descobertas importantes”. Surge assim, a necessidade de congregar esforços visando dar maior visibilidade às contribuições de mulheres cientistas e pesquisadoras muitas vezes desconhecidas ou mesmo negligenciadas pela comunidade científica, mas que trouxeram contribuições significativas para o conhecimento científico (LÖWY, 2009, p. 43).

Buscamos, ainda, identificar o tipo de autoria dos artigos em função de compreendermos que a autoria múltipla tem sido o indicador utilizado para avaliar o nível de colaboração científica nas diversas áreas do conhecimento. Dessa maneira, identificamos, nos onze artigos, a predominância da coautoria, conforme demonstrado na tabela 3.

Tabela 3 – Autoria dos artigos

REVISTA	TIPO DE AUTORIA			
	INDIVIDUAL		COLETIVA	
	Nº	%	Nº	%
Motrivivência	1	25%	4	57.4%
Movimento	1	25%	1	14.2%
RBCE	2	50%	1	14.2%
Pensar a Prática	0	0	1	14.2%
TOTAL	4	100%	7	100%

Observamos que a coautoria corresponde a mais de 65% da produção total. Os dados vêm ao encontro dos apontamentos feitos por Lazzarotti Filho *et al* (2012, p. 3) ao analisarem revistas científicas da área destacando que “[...] a autoria compartilhada vem se apresentando como preferência dos investigadores da Educação Física”. Além disso, os autores complementam que a autoria compartilhada pelos grupos de pesquisa envolvendo diversos pesquisadores de uma mesma instituição e de instituições diferentes, acabou se tornando uma prática bastante frequente nas revistas brasileiras de Educação Física, o que parece acompanhar a tendência também presente em outras áreas de pesquisa (LAZZAROTTI FILHO, 2012).

De acordo com as autoras Vanz e Stumpf (2010), a interdisciplinaridade da ciência atual é, sem dúvida, um dos principais motivos que levam à colaboração científica. A colaboração, conforme as autoras, tem sido compreendida como o trabalho conjunto de dois ou mais pesquisadores que compartilham recursos intelectuais, econômicos e/ou físicos.

Na análise da produção pela quantidade de autores, observamos a seguinte distribuição (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Distribuição da produção por tipo de autoria

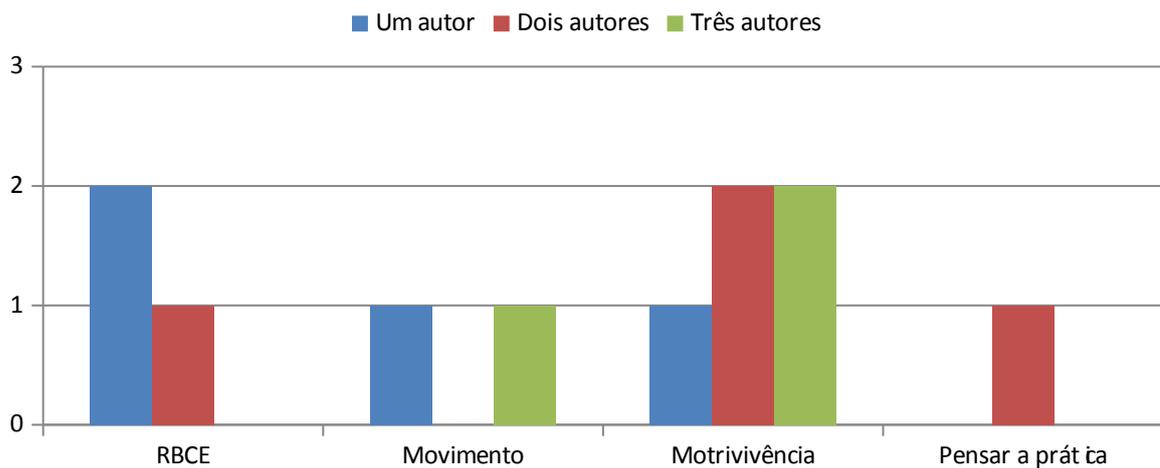


Identificamos que três publicações têm três autores; quatro artigos foram assinados por dois autores e quatro tem apenas um autor. Para contribuir com a interpretação desses dados, onde há mais trabalhos com coautorias do que trabalhos com apenas um autor, Vanz e Stumpf (2010) destacam que, a proximidade física é um fator que encoraja a colaboração e pode nos ajudar a compreender a parceria entre professores e alunos, por exemplo. Isso pode explicar o fato de quatro artigos, dos onze selecionados, serem assinados por graduados em coautoria junto com mestres e doutores e dois artigos terem mestres e doutores como coautores. Além disso, as autoras apontam que na produção científica nacional, as publicações em colaboração têm um impacto maior do que aquelas escritas por autores individuais e pontuam que

[...] As razões para isto são diversas. Comprovou-se a tendência de que quanto maior o número de autores/instituições filiadas, maior a divulgação do trabalho e a possibilidade de citações (multiplicada pelo número de autores) [...]. Além do impacto, a colaboração também se apresenta relacionada à aceitação do artigo submetido devido ao grau de competência técnica exposto na multiautoria (VANZ e STMPF, 2010, p.49).

No Gráfico 9, apresentamos a análise por revista.

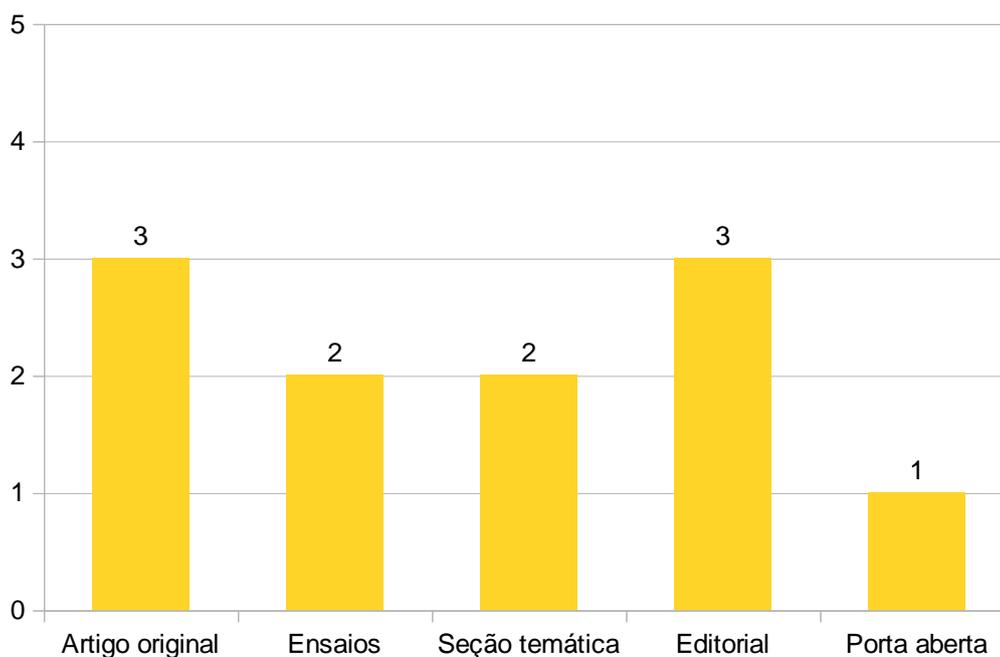
Gráfico 9 - Distribuição da produção por tipo de autoria nas revistas



Dos cinco artigos publicados na Motrivivência, dois foram escritos por três autores, dois por autoria dupla e um com autoria individual. Já a RBCE publicou um artigo com dois autores e dois com autoria individual. Na Movimento, encontramos um trabalho assinado por três autores um por autoria individual. Na Pensar a prática encontramos um artigo em dupla autoria. Observamos, com os dados, que prevalece, na temática sobre capoeira no ambiente escolar, a dupla autoria, encontrada em cinco artigos. Isso pode ser indicador da tendência citada por Vanz e Stumpf (2010) de parceria de publicação entre professor e aluno.

Buscamos, também, identificar os textos encontrados segundo sua tipologia. Para isso, registramos a classificação utilizada pelas próprias revistas, conforme apresentado no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Tipologia dos textos



Das onze publicações encontradas, verificamos que três são classificadas como artigos originais (27,2%) e três como editoriais (27,2%). Dos demais, dois como ensaios, dois foram publicados como seção temática e um em seção denominada porta aberta.

Dos três artigos originais, um foi publicado na RBCE, um na Motrivivência e um na Pensar a Prática. A publicação de artigos originais vem contribuindo para a consolidação científica da área. Além disso, é preciso considerar que grandes bases indexadoras nacionais e internacionais indicam, como critério, a priorização de artigos originais (TANI, 2014).

4.1 TEMAS ABORDADOS NOS ARTIGOS

Buscando compreender o tema discutido nos onze artigos selecionados, realizamos a leitura dos textos visando a identificar aproximações e distanciamentos, bem como a contribuição que eles dão para a discussão da temática capoeira no ambiente escolar.

No levantamento realizado, percebemos que sete artigos tratam da relação da capoeira com o componente curricular educação física e outros quatro tratam da capoeira no espaço escolar, mas não necessariamente vinculados à disciplina Educação Física.

Dentre os autores que abordam a capoeira na educação física, Melo (2011) contribui ao afirmar que

Nas proposições curriculares da Educação Física do município de Belo Horizonte, a capoeira é citada como um dos conteúdos da cultura corporal. Esta última é entendida como a especificidade desta disciplina, a qual deve ser a responsável pela organização destes conhecimentos na escola (MELO, 2011, p.193).

Contudo, o autor destaca que é importante entendermos qual é a função da capoeira na escola, pois, apesar de todas as evidências sobre a relevância desta prática no contexto escolar atual, é perigoso dizer que esta manifestação corporal pode transformar a realidade por contra própria, como fenômeno independente que guarda os antigos costumes intactos, já que precisa ser considerada como prática social que é produzida pelos sujeitos que atuam e são influenciados pelas difíceis e contraditórias relações estabelecidas no contexto da sociedade (MELO, 2011).

Para Costa (2011), dentro do processo de ensino-aprendizado da capoeira, devemos levar em consideração a diversidade desta manifestação cultural onde as pessoas lutam, jogam, brincam, dançam capoeira e isso faz do seu aprendizado algo bastante enriquecedor, além de sua historicidade que pode ser contextualizada socialmente em se tratando de uma produção cultural.

Nesse mesmo sentido, Noronha e Nunes (2004) afirmam que a capoeira, como uma manifestação cultural brasileira com raízes na matriz africana, precisa ser contemplada nas aulas de Educação Física na escola como um conteúdo que contribua para a formação dos alunos.

Para Bertazzoli, Alves e Amaral (2008), a capoeira, como instrumento metodológico nas aulas de Educação Física, se torna um recurso de socialização do conhecimento muito útil e eficiente, onde os alunos criam com

muito mais riqueza do que se o professor ficasse demonstrando os movimentos e eles apenas reproduzissem.

Rocha e Falcão (2012), em sua análise, abordam a temática de aproximação/afastamento entre Educação Física e a capoeira e destacam que esse é um tema bastante complexo e que, por si só, demandaria uma análise mais aprofundada, entendendo os diversos discursos e posicionamentos com relação a esta temática. Os autores pontuam que

Há uma frase no meio capoeirano que sintetiza esta complexidade ao considerar a capoeira em seu movimento que diz que “a capoeira é... sendo!”, ou seja, um constante movimento (dialético) em sua “essência”, sendo uma definição a priori do que ela é ou deveria ser é praticamente impossível ou irreal, sempre parcial (ROCHA; FALCÃO, 2012, p. 205).

Costa (2001) contribui para a discussão afirmando que a capoeira no ambiente escolar se apresenta como uma alternativa concreta à capoeira esporte de rendimento/competição, pois a considera uma manifestação cultural brasileira, que é construída de maneira coletiva pelos seus praticantes e que tem como objetivo tornar esta prática mais humana.

Na opinião de Castro, Abid e Sobrinho (2000), nas aulas de educação, os professores devem buscar o sentido e significado das ações práticas da capoeira, visto que ela se apresenta como possibilidade de criar um caminho mais participativo para que os alunos se “autodescubram” e valorizem a si mesmos e aos outros, baseados na herança cultural deles.

Dentre os artigos que tratam da capoeira no ambiente escolar, mas não vinculada ao componente curricular educação física, Castro e Anna (2002) contribuem dizendo que a presença da capoeira nas escolas públicas tem crescido de forma significativa. Porém, o trabalho desenvolvido vem reproduzindo as mesmas práticas utilizadas nas academias com batizados e formaturas de capoeira - e toda concepção ideológica de um determinado grupo de capoeira, sem fazer nenhuma distinção dos espaços. Os autores afirmam que a reflexão não objetiva desvalorizar o ensino da capoeira nas academias em detrimento do ensino da capoeira no âmbito escolar, e sim reconhecer que a escola, enquanto local de incorporação e produção do

conhecimento, é dotada de outros atributos necessários. Eles ainda pontuam que

Nós, educadores comprometidos com a vida, entendemos o desafio de materializar uma práxis coerente na perspectiva de incluir os sujeitos organicamente em todo processo escolar. [...] Ao nosso entender, devemos ter como meta o cidadão consciente, indivíduo com saber singular e universal, com responsabilidade política com o mundo e com seus semelhantes, por isso a escola, com seus conteúdos e ensinamentos, pode, através de uma metodologia participativa e emancipatória, possibilitar aos sujeitos participantes sua vontade de mudar a realidade social (CASTRO; ANNA, 2002, p. 90).

Mwewa (2011) contribui afirmando que os elementos formativos presentes no movimento da capoeira podem ser compreendidos como vinculados à educação que ocorre em diferentes contextos e não apenas no ambiente escolar. Para ele, esses elementos formativos, são muitas vezes pensados, na capoeira, a partir da sua vinculação com o contexto escolar ou considerando certa metodologização, na perspectiva da escolarização, da sua prática. Como consequência, ele afirma que

[...] condiciona-se o ensino da Capoeira a partir dos pressupostos da educação escolar, contudo os contextos do ensino da Capoeira, que influência na sua forma de ensino, podem coexistir em uma relação que não pressupõe a anulação dos elementos presentes em contextos fora do ambiente escolar. A mobilidade histórica da capoeira pode trazer novas problemáticas para o caráter educacional esperado/delegado para ela na contemporaneidade (MWEWA, 2011, p. 288).

Para Bueno, Silva e Capela (2011), aulas de capoeira e a prática da capoeira em si e para si podem ter um horizonte muito mais ampliado se partirem deste referencial teórico acerca não apenas da educação física, mas também da inserção da capoeira no ambiente escolar de outras formas.

Sabino e Benites (2010) apontam que, como parte integrante da cultura corporal de movimento, a capoeira proporciona o contato com diferentes gerações e também com a valorização da cultura do país. Ela possibilita que seu praticante vivencie um repertório motor vasto, pois torna seu ambiente de prática (a roda) complexo uma vez que o jogador aprende a respeitar os

fundamentos e rituais, a se relacionar com o próximo durante o jogo, a cantar, a tocar instrumentos e a preservar uma manifestação cultural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados encontrados, concluímos que a maior parte dos artigos foram publicados nos últimos oito anos (seis). Ao considerarmos o número total de artigos publicados pelas revistas analisadas durante o período estudado - 2000 a 2018 -, verificamos que a produção sobre a temática estudada - capoeira no ambiente escolar - representa apenas 0,19% do total. Dessa forma, é possível afirmar que, apesar de a capoeira ter adentrado as instituições escolares, apesar de ter sido reconhecida como patrimônio imaterial, o número de artigos publicados sobre a temática é pequeno.

Dentre as revistas analisadas, a *Motrivivência* é a que mais publicou sobre a temática, com cinco trabalhos. Esse fato pode ter relação com escopo da revista e com a publicação de um fascículo que abordou a diversidade sociocultural.

Ao caracterizarmos a produção científica, percebemos que a região sudeste se destaca por possuir o maior número de autores (sete) e a UNICAMP como a instituição com maior filiação (quatro). As universidades federais são as que detêm o maior número de publicações (sete), o que corrobora com a indicação de que as universidades públicas localizadas na região sudeste do país têm se destacado no cenário da ciência como grandes produtoras de conhecimento. Destacamos, também, que a produção sobre a temática capoeira escolar é objeto de estudo principalmente de graduados (onze).

Além disso, a predominância da autoria coletiva também é observada nesta temática (63,6%), o que acompanha tendência no meio científico em geral. Em relação ao gênero dos autores, verificamos que há um desequilíbrio entre os autores do sexo masculino (75%) e feminino (25%).

Na análise sobre “o que foi discutido pelos autores”, notamos que sete artigos (63,6%) abordam a capoeira nas aulas de Educação Física e quatro artigos (36,3%) mencionam a capoeira na escola, mas não diretamente como conteúdo da disciplina.

Dentre os autores que fizeram a relação com a Educação Física, percebemos um consenso ao dizer como ela pode contribuir na formação dos alunos em diversos âmbitos (gestualidade, musicalidade, resistência cultural). Os autores destacam que a capoeira precisa ser contemplada nas aulas de Educação Física na escola como um conteúdo que contribua para a formação cultural, social e motora dos alunos.

Já os autores que abordam a capoeira como atividade extracurricular na escola, afirmam que seu aprendizado pode ocorrer de forma mais ampliada se partir de referencial teórico não apenas da educação física, mas também da inserção da capoeira no ambiente escolar de outras formas, voltando a preocupação muito pelo meio inserido, ou seja, o espaço onde aquela proposta esta se consolidando e as adaptações necessárias aquele ambiente.

Assim, o levantamento e a caracterização da produção científica relacionada à capoeira no ambiente escolar permitiu compreender como esse conteúdo pode proporcionar ao aluno diversas contribuições em sua formação, mas ainda é uma vertente de estudo pouquíssimo valorizada, existindo um número reduzido de produções no meio das revistas acadêmicas, ou seja, pelos professores pesquisadores da área de Educação Física.

REFERÊNCIAS

ABIB, Cultura popular e educação: um estudo sobre a capoeira Angola. **Revista da FACED**. V.11, p.10, 2007a.

ALVES, B. H. **Aportes bibliométricos à produção científica nos principais periódicos da área de ciência da informação do Brasil no período de 2006-2010**. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

ASSUNÇÃO, M. R.; VIEIRA, L. R. **Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira**, 1999, p. 46.

BRASIL. **Lei 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC / SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Base nacional curricular comum: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC / SEF, 2017.

BARRETO, Paulo João do Rio. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1908.

BERTAZZOLI B. F.; ALVEZ D. A. e AMARAL S. C. F.; Uma Abordagem Pedagógica para a Capoeira, **Movimento**, v.14, n.2, p.224, 2008.

BUENO M. C., SILVA B. E. S., CAPELA P. R. C.; A CAPOEIRA COMO POSSÍVEL INSTRUMENTO DE PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA: EXPERIÊNCIA NO CEC ITACORUBI – FLORIANÓPOLIS, **Motrivivência**, n. 37, p. 87, 2011.

CAPES, 2017. **Qualificação da produção intelectual**. Disponível em <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>. Acesso em 29 jun.2019.

CASTRO Jr.; ABID, SOBRINHO, S., Capoeira e os diversos aprendizados. **Motrivivência, Ano XI, n2 14**, Maio/2000.

CASTRO, L. V. J.; ANNA SOBRINHO, J. S.; O ENSINO DA CAPOEIRA: POR UMA PRÁTICA NAGÔ, **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, P. 92, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Metodologia do ensino de educação física**, (Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação do Professor), São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA – UMA HISTÓRIA QUE DÁ JOGO... PRIMEIROS APONTAMENTOS SOBRE SUAS INTER-RELAÇÕES, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)**, V.23, n.1, p.142, 2001.

_____, CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZADO DE PROFESSORES, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)**, V.33, n.4, p.891, 2011.

DOMINGOS, N. A. M. Perspectivas da produção científica da pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas. In: WITTER, G. P. **Produção científica em Psicologia e Educação**. Campinas, SP: Editoria Alínea, 1999. p. 79-102.

DURHAM, E. R. **As Universidades Públicas e a Pesquisa no Brasil. Série: Documentos de Trabalho**. São Paulo: USP/NUPES, setembro, 1998.

GHIRALDELLI, Paulo J., **Educação Física Progressiva: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira**, Prefácio Prof. José Carlos Libâneo, - São Paulo: Edições Loyola, 1992.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

HAYASHI, M. C. I. ; CABRERO, R. C.; COSTA, M. P. R.; HAYASHI, C. R. M. Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia. **TransInformação**, Campinas, v. 19, n. 2, p.169-187, maio/ago., 2007.

KOHL, Henrique Gerson, **GINGADO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA ESCOLAR expressões lúdicas no quefazer da educação física**, Editora Universitária UFPE, p. 39, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed., São Paulo, Atlas, 2003. 183p.

LAZAROTTI FILHO, A; et al. Modus operandi da produção científica da Educação Física: uma análise das revistas e suas veiculações. **Revista Educação Física/UEM**, v. 23, n.1, p.1-14, 2012.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906)**. Salvador: EDUFBA, 2008.

LOPES, André Luiz Lacé. **A capoeiragem no Rio de Janeiro: primeiro ensaio – Sinhozinho e Rudolf Hermann**. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2002.

LÖWY, I. Ciências e gênero. In: HIRATA et al. (Org.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. p. 40-44.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto (Mestre Teco). **Desenvolvimento psicomotor fundamentado na prática da capoeira e baseado na experiência e vivência de um mestre da capoeiragem graduado em educação física**. 2004. 450 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicomotricidade) - Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2004.

LUSSAC; TUBINO, **CAPOEIRA: A HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE UM PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL**, p.7-11, 2009.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MELLO, A; JORGE, R.S; SOUZA, J.S; NASCIMENTO, A.C.S. Atividades físicas e esportivas nos projetos sociais: o estado do conhecimento em revistas científicas da Educação Física. **Licere**, Belo Horizonte, v. 19, N. 4, DEZ/2016.

MELLO; SCHNEIDER, **CAPOEIRA Abordagens socioculturais e pedagógicas**, p.3, p.129-133, p.151, 2015.

MELO, V. T.; **A CAPOEIRA NA ESCOLA E NA EDUCAÇÃO FÍSICA, Motrivivência**, Nº 37, P. 196 e 197, 2011.

MIRANDA, D. B. **O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura**. Ciência da Informação, v.25, n.3, 1996.

MUELLER, S. P. M. **O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais**. DataGramZero, n.0, dez. 1999.

_____.A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.) **Fontes de informações para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. 319p.

MWEWA C. M.; Inconformação, conformação e formação do corpo no jogo da capoeira: pistas para pensar o processo educativo, **Movimento**, v.17, n.3, p.217, 2011.

NASCIMENTO, A.C.S. **Editoração de periódicos científicos no campo da Educação Física**. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Caxambu, 2003.

NORONHA, F. D. A.; NUNES PINTO, R, **CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**, **Pensar a Prática** 7/2, p. 128, 2004.

OFEREÇO, dedico e consagro (ODC). **Guia do capoeira ou gymnastica brasileira**. Rio de Janeiro, 1907.

OHIRA, M. L. B.; SOMBRIO, M. L. L. N.; PRADO, N. P. **Periódicos brasileiros especializados em biblioteconomia e ciência da informação**. Encontros Bibli: revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 10, out. 2000.

OLIVEIRA, J. P., and LEAL, L. A. P. **Capoeira e identidade nacional: de crime político à patrimônio cultural do Brasil**. In: **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil** [online], Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 44-52.

PINO, I. Editoração de revistas científicas no campo da educação. In: BUENO, B. °; AQUINO, J. G.; CARVALHO, M. P. (Orgs.). **Política de publicação científica em educação no Brasil hoje**. São Paulo: FEUSP, 2002.

RAMBELLI, G.; FUNARI, P. P. **Patrimônio cultural subaquático no Brasil: algumas ponderações**. Práxis Arqueológica, Porto, n. 2, p. 97-106, 2007.

REGO, Waldeloir Rego. **Capoeira Angola Ensaio Sócio – Etnográfico**, p.33. 1968.

ROCHA, **CAPOEIRA E ESCOLA significados da participação**, p.17-18, p.24, p. 63-64 1ª edição, 2013.

ROCHA, R. M.; FALCÃO J. L . C.; **TENSÕES E CONFLITOS NA INSERÇÃO DA CAPOEIRA NAS ESCOLAS DE SÃO JOSÉ, SC: propondo uma análise objetiva e subjetiva do processo em andamento**, **Motrivivência**, Nº 38, P. 205, 2012.

SABINO T. F. P., BENITES L. C.; **A CAPOEIRA COMO UMA ATIVIDADE EXTRACURRICULAR NUMA ESCOLA PARTICULAR: um relato de experiência**, **Motrivivência**, n. 35, p. 237, 2010.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura?** 14ª Ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

SIDONE, O.J.G; HADDAD,E.A.M; MENA-CHALCO,J.P. **A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica**. Transformação, Campinas, 28(1):15-31, jan./abr., 2016.

SILVA, **A educação física na roda de capoeira: entre a tradição e a globalização**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

STUMPF, **Revistas universitárias brasileiras: barreiras na sua produção**. Transinformação, v. 9, n. 1, p. 45-57, 1997.

____ **Reflexões sobre as Revistas Brasileiras**. In texto, v. 1, n. 3, 2000.

TANI, G. Editoração de periódicos em Educação Física/Ciências do Esporte: dificuldades e desafios. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n.4, p. 715-722, 2014.

VANZ, S. A. de S. **As redes de colaboração no Brasil (2004-2006)**. 2009. 204 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VANZ, S. A. de S.; STUMPF, I. R. C. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.2, p.42-55, maio./ago. 2010.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. **Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.26, n. 51, p. 251-262, 2006.